



# REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

julho de 2002

n. 45



ISSN 1518-1766



9771518176006

45

## UM PANTEON DA BAIANIDADE\*

*Paulo Ormino de Azevedo*

Desde que a Revolução Francesa transformou a recém construída Igreja de Santa Genoveva de Paris em *Temple des Renommées*, depois rebatizado de *Pantheón*, para receber os “restos dos grandes homens da época da liberdade francesa”, muitas nações criaram monumentos ou transformaram criptas de catedrais em panteons para abrigar e reverenciar os seus mais eminentes filhos: heróis, estadistas, intelectuais, artistas e cientistas. No *Pantheón* de Paris, cujo nome revive as moradas dos deuses romanos, jazem os restos de Voltaire, Rousseau, Murat e Victor Hugo. Há pouco mais de uma década, construiu-se em Brasília o Panteon da Pátria em homenagem a Tiradentes e outros próceres da nação, dentre os quais Tancredo Neves.

A Bahia não fugiu a essa tradição, edificando em 1914, por iniciativa do Instituto Geográfico e Histórico, um panteon ao general Labatut, em Pirajá, local da batalha que consolidaria a independência baiana e nacional. Otávio Mangabeira, que sabia a importância da reverência aos grandes homens para a consolidação da imagem de uma nação, não só promoveu a transferência dos restos mortais de Ruy Barbosa para sua terra natal, como criou um solene panteon para o mesmo na sede da justiça baiana a que deu seu nome.

Com exceção desses dois casos, as honras aos nossos grandes vultos restringem-se a um busto em uma de nossas praças ou avenidas. Isso na melhor hipótese, quando não perambulam como

\* Publicado originalmente em *A Tarde* de 05.01.01.

os chafarizes por toda a cidade e acabam nos desmontes e sucatas do subúrbio. Os casos de roubo de bustos, baixo-relevos e inscrições são tão freqüentes em Salvador, que as placas de inauguração de nossos edifícios públicos já não são de bronze, senão de acrílico descartável.

Por onde andarão os restos de Castro Alves, Carneiro Ribeiro, Pirajá da Silva e tantos outros? O próprio Otávio Mangabeira, que deu a Ruy Barbosa um repouso digno, jaz em um túmulo comum e corrente no Campo Santo, que pouco se diferencia dos demais, a não ser por uma insólita pérgola em forma de gadanho. Mais acanhados e atravancados são os túmulos das últimas personalidades



Possível reurbanização do largo do Pilar, com *atrium* e escadaria sobre a Avenida Jequitaia, reproduzindo abertura para o mar assinalada no *Mappa Topographica da Cidade de São Salvador*, do engenheiro Carlos Augusto Weyll (1851). Dois mastros no alinhamento das fachadas assegurariam a continuidade da perspectiva da Rua do Pilar fechada com a igreja

ali enterradas. Esse cemitério, depositário de belíssimo conjunto escultórico, em grande parte importado, acha-se infelizmente saturado, abandonado e invadido. A alternativa oferecida às futuras gerações é o asséptico Jardim da Saudade, necrópole talhada no figurino do capitalismo global e massificador, que nada tem a ver com nossas tradições.

Possuímos, no entanto, um imponente panteon integrante de uma das mais belas igrejas dessa capital, que se arruina, há décadas, pela alegação de falta de recursos. Trata-se do complexo da igreja de Nossa Senhora do Pilar e cemitério contíguo, primeiro monumento neoclássico do país, construído nos últimos anos do século XVIII, no mesmo estilo e contemporâneo do *Pantheón* de Paris, e um dos mais impressionantes espaços cerimoniais da cidade, com longa nave e pé direito de doze metros.

Sua reabilitação como Panteon da Bahia não só representaria um grande serviço à baianidade, atualmente tão carente de auto-estima, como salvaria este monumento nacional de uma ruína, senão anunciada, pelo menos previsível. De outra parte, este conjunto integrado ao parque resultante da transferência do Comando Naval para a Base de Aratu, que esperamos não tarde, poderá ser uma importante alavanca para a requalificação do Comércio, tão falada e tão pouco implementada.

O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o Conselho de Cultura, as fundações Pedro Calmon, Cultural da Bahia e Gregório de Mattos, que já prestaram tantos serviços ao estado e a cidade, unidos poderão patrocinar uma campanha nesse sentido. Ali, criteriosamente selecionados pelas instituições mais representativas da sociedade, poderão ser reunidos os restos mortais dos grandes vultos que ajudaram a construir a Bahia e, no futuro, dos que a engrandecerão, para que não se percam no esquecimento. Aqui fica a sugestão.